



A p r o f u n d a m e n t o

MULHERES EMIGRANTES E A CONFIGURAÇÃO DE REDES SOCIAIS: CONSTRUINDO CONEXÕES ENTRE O BRASIL E OS ESTADOS UNIDOS

Emigrant women and the social networks configuration: building connections between Brazil and the USA

Gláucia de Oliveira Assis*
Sueli Siqueira**

A emigração de brasileiros para o exterior, mais especificamente para os Estados Unidos da América, teve início nos anos de 1960 na cidade de Governador Valadares. Em meados dos anos de 1980 configura-se o primeiro fluxo migratório de brasileiros para o exterior. Criciúma, com algumas peculiaridades, segue uma trajetória semelhante, com o fluxo acentuando-se nos anos de 1990. Os primeiros emigrantes da cidade de Governador Valadares/MG e Criciúma/SC eram jovens, da classe média e do sexo masculino. Nesse artigo[□] privilegiaremos as trajetórias de mulheres migrantes buscando demonstrar que, embora

* Professora da Universidade do Estado de Santa Catarina. Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas, pesquisadora sobre relações de gênero, redes sociais e migrações internacionais. Florianópolis/Brasil.

**Professora da Universidade Vale do Rio Doce/MG. Doutora em Ciências Humanas – Sociologia e Política pela Universidade Federal de Minas Gerais, pesquisadora sobre migrações internacionais, mercado de trabalho, relações de gênero e território. Governador Valadares/Brasil.

□ Este artigo é produto do projeto de pesquisa “As conexões entre os EUA e o Brasil; a configuração de redes sociais entre o Criciúma e Governador Valadares e os EUA”, cuja primeira versão foi apresentada no seminário Internacional Fazendo Gênero 8, Florianópolis/SC, em 25-28/08/2008.

tenham emigrado um pouco mais tarde que os homens e enfrentassem preocupações distintas das que eram colocadas para os homens, elas também empreenderam a aventura de emigrar e fizeram a história desse processo, não apenas acompanhando seus irmãos, namorados ou maridos, mas tecendo seus próprios percursos e redes de migração. O objetivo central deste artigo é, através dos relatos orais das mulheres que emigraram ao longo desses 40 anos de fluxo migratório, compreender a trajetória dessas mulheres, seu cotidiano, suas motivações e a sua participação na formação das redes migratórias.

Palavras chave: Emigração internacional; Gênero; Formação das redes

The Brazilian emigration to other countries, more specifically to the USA, began in the 1960s at Governador Valadares. By the mid-1980s the first migratory flow to out of the country is stated. Criciúma follows a similar path, and has its flows intensified in the 1990s. The first emigrants from Governador Valadares/MG and Criciúma/SC were young, mid-class and male. This article highlights the migrant women trajectories, indicating that, despite emigrating a little later than the men and faced dissimilar problems, they also attempt the adventure of emigrating and made history, not only by escorting their brothers, husbands or boyfriends, but building their own ways and migratory nets. This article's main goal is to comprehend these women trajectory, their routine, their motivations and their participation on the migratory networks' structure from the oral reports of migrant women throughout these 40 years of migratory flows.

Keywords: International emigration; Gender; Networks structure

Introdução

Nesse início de século XXI imagens e notícias em jornais e TV revelam um planeta em movimento. Os deslocamentos contemporâneos de população têm colocado questões para formuladores de políticas públicas, acirrado os controles nas fronteiras e revelado faces excludentes da globalização em que nem todos podem circular livremente, enquanto circulam o capital, os turistas e os viajantes, os migrantes têm dificuldades de cruzar as fronteiras. Nesse cenário, as mulheres migrantes têm emergido como um contingente significativo dos fluxos contemporâneos de população. São homens e mulheres de diferentes origens nacionais, étnicas, de classe e níveis educacionais, que partem, em sua maioria, de centros urbanos nos seus países de origem para os países europeus e os EUA. Outra característica desses novos fluxos é que são constituídos de uma parcela significativa de migrantes indocumentados.

Os migrantes contemporâneos,¹ diferentemente dos migrantes

¹ Uma comparação entre os “novos” e “velhos” migrantes encontra-se em PORTES, Alejandro. “Economic Sociology and the Sociology of Immigration: A Conceptual Overview”; ASSIS, Gláucia de Oliveira. *Estar aqui... estar lá... uma cartografia da vida entre dois lugares*; FONER, Nancy. *From Ellis*

do início do século XX, contam com um sistema de comunicações e transporte mais barato e eficiente, o que diminuiu as distâncias e tornam mais frequentes os contatos entre a sociedade de origem e a sociedade de destino. Esse “encolhimento do mundo”, conforme denominou Harvey,² contribuirá para que “notícias do mundo de lá” circulem com mais facilidade e também para a constituição de redes de migração.

O aumento da participação das mulheres nos fluxos migratórios internacionais tem colocado questões significativas para as teorias sobre migrações. Mirjana Morokvasic³ evidencia a importância de questionar a perspectiva que enfatiza o trabalhador migrante como sendo essencialmente homem. Segundo a autora, a incorporação de mulheres imigrantes dentro da força de trabalho nos países industrializados tem sido vista dentro do contexto de crise econômica mundial, de progressiva desindustrialização, na qual as mulheres têm sido incorporadas dentro de um mercado de trabalho sexualmente segregado, em serviços mal remunerados geralmente no setor de serviços domésticos, utilizando-se de redes sociais informais – enclaves étnicos de imigrantes – onde as mulheres trabalham como donas de casa ou empregadas domésticas.

Este artigo pretende reconstruir as trajetórias de emigração de mulheres provenientes de duas cidades no Brasil – que ao longo do século XX construíram uma conexão com os EUA, tecida a partir de redes que se iniciaram na década de 1960 – a cidade de Governador Valadares/MG, que iniciou o movimento emigratório em 1963 e a cidade de Criciúma/SC, que inicia as conexões com os EUA em 1966.

As redes sociais no processo migratório: articulando relações de gênero, parentesco e origem comum

O enfoque de redes sociais pode trazer uma contribuição importante para os estudos de migração, desde que procure analisar como os sujeitos inserem-se nas redes sociais. Assim, as relações de parentesco, de amizade e de origem comum implicariam relações diferenciadas que precisam ser localizadas. Discutir a natureza dessas relações é fundamental para compreender as suas implicações nas relações familiares e de gênero.

Nesse sentido é que as redes começaram a ser utilizadas nos estudos sobre migração. As redes sociais servem de ligação entre a sociedade de destino e de origem e parecem ser muito importantes nos fluxos de longa distância. As mulheres frequentemente são fundamentais e centrais nessas

Island to JFK new York's two waves of immigration.

² HARVEY, David. *Condição pós-moderna.*

³ MOROKVASIC, Mirjana. “Birds of Passage are also Women”.

redes, pois tanto nas redes que articulam a própria migração quanto naquelas que reúnem grupos familiares elas são os “nós” que conectam as pessoas.⁴

Segundo Boyd,⁵ a utilização das redes sociais não é uma novidade na pesquisa sobre a migração. Nos anos 70, estudiosos analisaram os processos de redes de migração e o papel que parentes e amigos desempenhavam no fornecimento de informações e auxílio no processo migratório. Entretanto, os padrões de migração recente e as novas conceitualizações da migração concentram mais interesses no lugar da família, amigos e origem comum que sustentam essas redes.

As redes sociais no processo migratório contribuem para questionar a imagem da migração como produto de um cálculo racional ressaltando a importância particularmente das redes de parentesco, amizade e origem comum nesse processo. No caso da migração de longa distância, quanto mais estabelecidas estão as redes, maiores chances tem o migrante no local de destino. É o que demonstram os estudos sobre dominicanas, cubanas, mexicanas, caribenhas, asiáticas e outros grupos estabelecidos nos EUA. Sustentados por essas redes, podem contribuir para a criação e a consolidação de grupos étnicos.

Um exemplo muito interessante extraído de Hassoun evidencia a importância das redes de parentesco no processo migratório.

Desde finais da década de 70, emigraram para a França oito mil *Hmong* (uma etnia do Laos); a maior massa foi para os EUA. As redes de parentesco entre os países de acolhimento e o país de origem mobilizam-se nos momentos-chave do ciclo de vida familiar, nomeadamente quando dos ritos funerários ou sempre que é necessário reunir o ‘preço da noiva’. No primeiro caso, os que ficaram no país cumprem os ritos, enquanto no segundo caso, são os emigrantes solicitados, já que, ao trabalharem nas sociedades ocidentais, conseguiram acumular excedentes impensáveis na sociedade de origem (sobretudo devido ao fato de numerosos *Hmong* viverem em campos de refugiados). Os *Hmong* ilustram um exemplo de solidariedade entre parentes em escala mundial. Estes emigrantes políticos, desprovidos de tudo, nomeadamente da escrita, não são desprovidos de parentes.⁶

O caso do *Hmong* evidencia diferentes formas de atuação das redes sociais no processo migratório que conectam a sociedade de origem

⁴ BRETTELL, Caroline; DeBERJEOIS, Patricia. “Anthropology and the study of immigrant women”, p. 47.

⁵ BOYD, Monica. “Family and Personal Networks in international migration: recent developments and new agendas”.

⁶ HASSOUN, Jean-Pierre. “La migracion ds Hmong. Rituels Funéraires, ‘Prix de la Fiancée’ et Stratégies d’adptation dès premières Années”, p. 119.

e de destino. No caso dos emigrantes brasileiros, também observamos diferentes formas de ajuda material e simbólica solicitada e recebida por eles. As ajudas ou *help*, como veremos nos relatos dos imigrantes, ocorrem de maneiras variadas: vão desde presentes para os parentes que moram no Brasil, até o cuidado dos filhos que permaneceram no país com os avós, ou empréstimos para aqueles que ficaram e a administração do dinheiro que os migrantes remetem aos parentes, ou “uma força” dos pais viajando para o país de destino quando as filhas estão para ganhar seus filhos/as nos EUA. Esse dar e receber não ocorre sem conflitos, mas o que importa ressaltar é a relevância dessas conexões para o empreendimento migratório.

Como veremos nos dados que serão apresentados ao longo desse artigo, desde o início do fluxo de emigrantes brasileiros, tanto valadarenses quanto os criciumenses apoiaram-se fortemente nas redes de parentes e amizade em diferentes momentos da migração. Por isso, embora outras redes, como as agências de turismo, os falsificadores de passaporte e agenciadores, atuem no sentido de garantir o ingresso no país de destino, se os migrantes não tivessem quem recebê-los e arrumar-lhes o primeiro emprego no destino, a realização do projeto migratório ficaria muito mais difícil.

Há ainda uma interessante conexão entre a importância das redes para a migração de longa distância, geralmente vinculada à migração internacional, e a atuação das redes nas migrações internas. Em ambos os casos, elas ajudam o migrante a se inserir na sociedade de migração e constituem-se num capital social e cultural muito importante para o ajustamento dos migrantes na sociedade de acolhimento/recepção.

Segundo Durham,⁷ através dos contatos pessoais, o migrante enfrenta a inadequação de seu equipamento cultural para utilizar instituições impessoais, o que o torna completamente dependente de laços pessoais. Por isso, o migrante recorre aos parentes e, na falta destes, aos amigos de parentes ou parentes de amigos. Durham refere-se aos migrantes do meio rural para a cidade, que muitas vezes são analfabetos, não tem documentos e contam com parentes e amigos para seu ajustamento.

Os brasileiros que migram para o exterior fazem um movimento semelhante, pois também não dispõem do equipamento cultural fundamental para se estabelecerem no país de destino, assim chegaram aos EUA os primeiros emigrantes brasileiros que migraram para a região de *New York* e *Boston*, como veremos nos relatos a seguir. A maioria não fala inglês e não possui documentos que os autorizem a trabalhar. Assim como

⁷ DURHAM, Eunice. *A caminho da cidade: a vida rural e a migração para São Paulo*, p. 184-186.

os migrantes internos que fizeram o caminho do campo para a cidade, têm que apreender outros códigos, outros mapas simbólicos para transitar na sociedade hospedeira. Nesse contexto, os laços de parentesco e amizade tornam-se fundamentais para a inclusão num outro lugar, num outro país. Talvez por isso, entre os migrantes de classe média, haja uma imagem recorrente de um migrante típico, meio perdido, que expressa não só pontos de conexão entre a migração interna e internacional, como também sugere a sensação de estar fora do seu lugar, do seu contexto, por isso as redes de parentesco e amizade emergem de maneira tão significativa.

Segundo Tilly,⁸ a nova onda de migração não pode ser explicada apenas pelos fatores de atração e repulsão que fazem as pessoas migrarem devido aos diferenciais de oferta de trabalho. As redes sociais tornam-se um recurso precioso, pois constituem-se em capital social⁹ que auxilia pessoas com poucos recursos, pouca experiência profissional e baixo nível de escolaridade na migração de longa distância.¹⁰

As teorias de redes sociais constituem uma das abordagens alternativas aos extremos da teoria neoclássica e do determinismo estrutural¹¹ para compreender porque afinal as pessoas migram. Para as autoras como Patrícia Pessar e Monica Boyd, enquanto as transformações macroestruturais são compreendidas como desencadeadoras das pressões migratórias, as famílias e as redes sociais respondem a tais pressões e determinam quais membros dos domicílios e das comunidades realmente migram. Nesse contexto, a migração, articulada pelas redes sociais, também vai deixando de ser vista apenas como decisão racional de um indivíduo para ser encarada como uma estratégia de grupos familiares, de amizade ou de vizinhança em que as mulheres inserem-se ativamente.

Segundo Massey e colaboradores,¹² as redes migratórias consistem em laços sociais que ligam as comunidades remetentes aos pontos específicos de destino nas sociedades receptoras. Esses laços unem migrantes e não-migrantes em uma rede complexa de papéis sociais complementares e relações interpessoais que são mantidas por um conjunto informal de

⁸ TILLY, Charles. "Transplanted Networks".

⁹ Segundo Portes (PORTES, Alejandro, *op. cit.*), o conceito de capital social refere-se à habilidade do indivíduo de mobilizar recursos escassos em virtude de seu pertencimento na rede ou nas estruturas sociais mais amplas. Os recursos adquiridos por meio do capital social sempre implicam uma expectativa de reciprocidade.

¹⁰ PESSAR, Patrícia R. "The Role of Gender, households, and social networks in the migration process: a review and appraisal"; PORTES, Alejandro, *op. cit.*

¹¹ PESSAR, Patrícia R., *op. cit.*; BOYD, Monica, *op. cit.*

¹² MASSEY, Douglas; ALCARON, Rafael; DURAND, Jorge; GONZALEZ, Humberto. "The social organization of migration", p. 139-140.

expectativas mútuas e comportamentos prescritos. As relações em rede mais importantes são as baseadas no parentesco, amizade e origem comum, as quais são reforçadas por uma interação regular em associações voluntárias. No entanto, ao considerar as redes construídas apenas entre os homens, o estudo de Massey não observou como as redes sociais eram informadas por atributos de gênero e de parentesco.

Assim, quando Hondagneu-Sotelo¹³ analisou a inserção diferenciada de homens e mulheres mexicanas no processo migratório, a autora evidenciou como o gênero regula essas redes sociais. Castro¹⁴ também, analisando a literatura sobre mulheres latino-americanas e caribenhas, ressaltou que os estudos de redes de parentesco demonstram como as mulheres são hábeis na criação de redes de apoio mútuo que orientam a alocação dos migrantes e sua integração no mercado de trabalho. A experiência de mulheres destaca-se, não apenas porque vivem experiências migratórias de forma própria, mas também porque são influentes agentes no estímulo a outras migrações.

É importante aclarar sobre a construção das redes sociais no início do fluxo de brasileiros para os EUA, centrando a análise nas relações de gênero no contexto da migração. Neste sentido pretendemos contemplar os argumentos de Boyd sobre a contribuição que a perspectiva de gênero pode trazer à análise das redes sociais na migração. Segundo a autora, para uma completa análise das redes sociais, deve-se estar atento à questão de gênero:

Diferenças de gênero nos níveis sociais e econômicos influenciam na tomada de decisão de migração, modificando a conceitualização de estratégias domiciliares, influenciam na composição do sexo da migração de trabalho, são frequentemente incorporadas nas políticas migratórias e embebidas nas organizações dos enclaves étnicos.¹⁵

Se os migrantes contam com as redes sociais ao longo do processo migratório, como essas redes são tecidas no interior das relações familiares? A unidade doméstica é um importante componente da rede social, sendo que domicílios e famílias são representações comuns dessa unidade. Além de atuarem como unidades de sustentação, as unidades domésticas são agentes socializadores. Como tais, as famílias definem quem vai migrar e os padrões de migração, além de transmitirem normas acerca do significado

¹³ HONDAGNEU-SOTELO, Pierette. *Gendered Transitions: Mexican Experiences of Immigration*.

¹⁴ CASTRO, Mary Garcia et al. *Mulheres latino americanas e caribenhas na migração: bibliografia comentada*.

¹⁵ BOYD, Monica, *op. cit.*, p. 657.

da migração e da manutenção das obrigações familiares por meio do tempo e do espaço.¹⁶ Com relação à importância dos domicílios, Graumusk e Pessar¹⁷ ressaltam que tais decisões são fundamentadas nas hierarquias de poder dentro dos domicílios e que o impacto na sociedade de emigração não ocorre sobre os indivíduos, mas sobre os domicílios que mobilizam recursos e suporte, recebem e aplicam as remessas e tomam decisões sobre a produção, consumo e distribuição de atividades entre os membros.

É nesse sentido que Pessar,¹⁸ analisando os vários estudos que têm como foco as redes sociais, critica o fato de os autores não perceberem que o acesso dos indivíduos às redes sociais, e as trocas que nelas ocorrem, são direitos e responsabilidades informados pelas relações de gênero e pelas normas de parentesco. Partindo dessa observação, podemos dizer que os migrantes dominicanos, mexicanos, japoneses, brasileiros ou de outros grupos étnicos nos EUA farão uso das redes de acordo com as normas de parentesco e de gênero estabelecidas em cada grupo.

No caso das mulheres mexicanas, Hondagneu-Sotelo¹⁹ evidenciou como as redes das quais elas dispõem para migrar são diferentes das redes com as quais contam os homens, uma vez que elas tentam escapar da vigilância e do controle que caracterizam as redes familiares tradicionais. Também abordando diferenças no uso das redes, Zhou²⁰ demonstra que as mulheres chinesas, por sua vez, quando trabalham para seus conterrâneos, recebem menos do que os homens em função da supremacia masculina na cultura chinesa.

Ao analisar a articulação entre redes sociais, gênero, adaptação socioeconômica e mobilidade, Hagan²¹ demonstrou como a variação na estrutura das redes sociais influencia diferentemente a adaptação de homens e mulheres migrantes. Estudando a configuração das redes entre imigrantes guatemaltecos, a autora observa que estas atuam não apenas trazendo benefícios para os imigrantes. Assim, entre esses imigrantes nos EUA, as redes sociais desenvolvem-se em caminhos diferentes, com implicações na inserção no mercado de trabalho, na permanência e no processo de legalização. Enquanto os homens constroem um sistema

¹⁶ *Ibidem*, p. 642.

¹⁷ GRAMUSCK, Sherri; PESSAR, Patrícia. *Between two islands: Dominican international migration*, p. 15.

¹⁸ PESSAR, Patrícia R., *op. cit.*

¹⁹ HONDAGNEU-SOTELO, Pierette, *op. cit.*

²⁰ ZHOU, Min; LOGAN, John. "Returns on Human Capital in Ethnic Enclaves: New York City's Chinatown".

²¹ HAGAN, Jacqueline M. "Social Networks, Gender and Immigrant Incorporation: Resources and Constraints".

étnico para controle da organização social do processo de trabalho que faz com que os imigrantes recém-chegados entrem rapidamente no mercado de trabalho por meio do sistema dos encarregados, que organizam o *schedule* de trabalho e determinam a promoção de outros co-étnicos, as mulheres inserem-se basicamente no trabalho doméstico e, em geral, moram no emprego, não se beneficiando das relações de reciprocidade que os homens encontram na vizinhança étnica, nem dos recursos criados a partir de organizações recreativas, como times de futebol. Portanto, para a autora, com o passar do tempo, enquanto as redes sociais dos homens expandem-se, as redes das mulheres retraem-se, o que influencia as oportunidades de permanência de ambos no país de destino, bem como o percentual de legalização.

Se, por um lado, a compreensão do processo migratório a partir do enfoque nas redes sociais aponta para a importância das relações de solidariedade que os migrantes constroem entre a sociedade de origem e de destino, o que os auxilia nos primeiros momentos da vida em um novo lugar, por outro, revela também que essas são fonte de ambiguidade e conflito.²² Em decorrência disso, muitas vezes os migrantes recém-chegados são explorados por seus conterrâneos; assim, tais relações seriam a base não só para a solidariedade e a ajuda mútua, mas também para a divisão e o conflito étnico.²³ Tal ambiguidade foi igualmente observada por Martes,²⁴ ao analisar o comércio de faxina entre as imigrantes brasileiras em Boston. Um outro aspecto que esses estudos demonstram é que as redes são construídas pela articulação entre gênero e geração.²⁵ Neste sentido procuramos compreender como se configuraram as redes sociais nas cidades brasileiras que são conhecidas como ponto de partida de emigrantes: Governador Valadares e Criciúma, buscamos reconstruir as trajetórias dos primeiros migrantes para compreender como articularam as conexões entre o Brasil e os EUA.

O início do fluxo migratório em Governador Valadares e Criciúma

Os primeiros emigrantes da cidade de Governador Valadares partiram para os EUA não apenas por razões econômicas e sim pela

²² TILLY, Charles, *op. cit.*; HONDAGNEU-SOTELO, Pierette, *op. cit.*; HAGAN, Jacqueline M., *op. cit.*; PESSAR, Patricia R., *op. cit.*

²³ TILLY, Charles, *op. cit.*

²⁴ MARTES, Ana Cristina B. *Brasileiros nos Estados Unidos: um estudo sobre imigrantes em Massachusetts.*

²⁵ PESSAR, Patricia R., *op. cit.*

aventura e pela curiosidade de conhecer um país que consideravam rico, desenvolvido e cheio de grandes oportunidades.

Margolis²⁶ analisando o fluxo de brasileiros para os EUA revela que os primeiros que emigram são predominantemente homens, isto fica evidente no início do fluxo migratório da cidade de Governador Valadares para os EUA. Eram homens jovens que tinham o segundo grau e pertenciam às famílias da classe média da cidade. Esses jovens emigraram motivados pelo desejo de conhecer um país que consideravam desenvolvido e cheio de grandes oportunidades. Os primeiros emigrantes partiram no início dos anos de 1960 em sua maioria com visto de trabalho.

No final dos anos de 1960 as primeiras mulheres que emigraram para os EUA, eram jovens, na faixa etária de 22 a 30 anos, tinham em média 8 anos de escolaridade e foram motivadas também pelo desejo de conhecer um país rico e de grandes oportunidades.

Um elemento importante na construção do projeto foi a escola de inglês IBEU e os intercâmbios dos primeiros estudantes valadarenses para os EUA que trouxeram notícias mais concretas da sociedade americana. A imprensa local noticiava as maravilhas vividas por esses intercambista, que eram amigos dos primeiros emigrantes.

Ao retornar, o primeiro intercambista relatou as grandes possibilidades de trabalhar e estudar nos EUA. No mesmo ano, de posse das informações concretas os dois primeiros emigrantes partiram para os EUA com visto de trabalho.

As cartas acompanhadas de fotos eram enviadas com frequência relatando as oportunidades e maravilhas da terra, difundindo assim a grande aventura que era emigrar. Esses primeiros emigrantes davam o suporte necessário para os que desejavam emigrar, além das informações emprestavam dinheiro para o depósito,²⁷ buscavam no aeroporto, ofereciam estadia ou moradia, arrumavam o primeiro emprego, compravam roupas adequadas ao clima dos EUA, etc..

Os dezessete primeiros emigrantes foram os pontos iniciais da rede migratória de Governador Valadares para os EUA. Segundo os depoimentos, a maioria deles auxiliou mais de 30 pessoas, entre parentes e amigos a emigrarem, estes por sua vez foram pontos de apoio para outros tantos. A partir dos quatro primeiros emigrantes que chegaram a *New York* em 1964 com visto de trabalho a rede foi se formando no decorrer dos anos

²⁶ MARGOLIS, Maxime L. *Little Brazil: An Ethnography of Brazilian Immigrants in New York City*.

²⁷ Neste período era necessário fazer um depósito de mil dólares no consulado americano para receber o visto de trabalho.

de 1960 e 1979 dando origem ao *boom* emigratório da segunda metade dos anos de 1980.

Os criciumenses partiram rumo à Europa e aos EUA em meados da década de 1960, mas é no início dos anos 1990 que o fluxo torna-se significativo tanto para aqueles que partiram quanto para aqueles que ficaram na cidade, criando-se, assim, um campo de relações transnacionais que começa a ser observado no cotidiano da cidade. É interessante observar que homens e mulheres emigram em momentos diferentes o que revela um processo atravessado por atributos de gênero e parentesco.

Um dos migrantes pioneiros, ou o mais conhecido na cidade é Jaci e Dino Carminati, que emigraram para a região de Boston na década de 1960. Jaci Carminati emigrou para a região de Boston e logo em seguida levou o irmão. No início da década de 1970 retornaram a Criciúma, se casaram e levaram suas respectivas esposas. A família Carminati é conhecida na cidade como um símbolo de migração bem sucedida e hoje vive entre os EUA e o Brasil. A família Carminati, nesse sentido, representa para os criciumenses uma família de e “sucesso migratório”, ou seja, conseguem viver entre os EUA e o Brasil.

A trajetória das mulheres emigrantes

Maria, Miriam e Martha emigraram de governador Valadares para os EUA. Maria emigrou em 1969 com 24 anos, Miriam em 1980 com 20 anos e Martha em 1981 com 30 anos. Eram solteiras, trabalhavam no comércio. A primeira tinha o ensino fundamental completo e as duas mais jovens o segundo grau completo. A emigração foi motivada primeiramente porque ouviam as histórias sobre a vida dos emigrantes de Valadares nos EUA que relatavam as modernidades, o estilo de vida e as grandes possibilidades de uma vida melhor. No imaginário dessas mulheres está presente a idéia da “América” como uma terra de grandes oportunidades. “Eu achava que aqui [EUA] era coisa de outro mundo [...]. Maria mandava fotos [EUA] e a gente ficava com vontade de vir, sair daquela vidinha”.

Elas pertenciam à classe média baixa urbana, viviam com certa dificuldade financeira e Maria decide emigrar para melhorar de vida. Informa aos pais sua decisão.

Cheguei em casa e engasgada disse para meus pais que queria ir para os EUA, meu pai disse que eu estava brincando e saiu da sala. Então eu disse para minha mãe: eu quero ir com consentimento de vocês, mas se não consentirem eu vou de qualquer maneira.

Maria relata que a mãe conversou com o pai que concordou e apoiou a sua decisão ajudando na organização dos papéis para solicitar o

visto e parte dos custos de viagem. Ao partir o pai lhe entregou uma carta dizendo que deveria ler quando estivesse no avião. Nesta carta recomenda cuidados que uma mulher solteira deveria tomar numa terra estranha e manter-se digna.

Maria trabalhou como faxineira morando nas casas de família por considerar mais seguro, pois este tipo de trabalho lhe proporcionava mais proteção moral e também da Imigração (Departamento de Imigração), pois emigrou com visto de turista e não tinha permissão para trabalhar.

Em 1973 Maria casa-se com um brasileiro descendente de português que possuía cidadania norte-americana. Desta forma ela torna-se também documentada.

Quando suas irmãs decidiram emigrar Maria apoiou e forneceu todos os meios necessários. Maria conseguiu a documentação para a mãe e através dela os irmãos conseguem o *Green Card*, exceto para Miriam, que já residia nos EUA e havia se casado com um grego naturalizado americano.

Miriam e Martha começaram a trabalhar como empregadas domésticas: “nós trabalhávamos dentro” – expressão que usam para designar este tipo de trabalho que Miriam faz até hoje. Este trabalho envolve dedicar-se algumas horas do dia aos cuidados da casa e morar no emprego. É um tipo de trabalho que possibilita ter outras casas para fazer faxina.

Elas foram pontos fundamentais na formação da comunidade brasileira na região onde moram. Receberam muitos parentes, amigos e pessoas indicadas pelos amigos. Buscavam no aeroporto, hospedavam, arrumavam emprego e davam as primeiras orientações. Deram apoio à formação da primeira comunidade da Igreja Católica na cidade.

As três irmãs constituíram família, cada uma teve dois filhos, sendo que Maria e Miriam já possuem netos. Retornam ao Brasil com frequência e Miriam mantém uma casa em Governador Valadares onde passa suas férias anuais. Todas afirmam que pretendem voltar a residir no Brasil.

As mulheres emigrantes de Criciúma

Os emigrantes de Criciúma têm na história da cidade, um imaginário comum que trata a imigração italiana como uma das identidades de cidade. Nessas histórias, muitas vezes lembradas nas festas de centenário de imigração das famílias que chegaram no final do século XIX, as narrativas sempre destacam as trajetórias dos chefes das famílias imigrantes, mesmo que a imigração tenha envolvido homens e mulheres a narrativa é recontada a partir das histórias dos “nonos”.²⁸ No caso das mulheres, elas aparecem

²⁸ “Nonos” é “aportuguesação” de *nonni*, avós em italiano.

como aquelas que acompanham seus maridos e cuidam dos filhos e como as responsáveis pela reprodução não apenas social, mas cultural das famílias.

Na década de 1960, mais precisamente em 1966, há o primeiro registro de emigração para os EUA. Jaci Carminati, com contrato de trabalho para ficar em *New Hamisphere* e, 3 anos depois, o irmão Dino Carminati, também migrou com contrato de trabalho. Assim, como os valadarenses, que foram para a região de *New York*, migraram jovens, com contratos legais de trabalho. Jaci Carminati migrou a partir de um contato com um amigo que estudou com ele num seminário, em Minas Gerais e foi o contato com esse amigo que o levou para a região de Boston. É seguindo a trajetória deles que emigram as primeiras mulheres de Criciúma, Neide e Mirce, que migraram para encontrarem-se com os maridos, após terem se casado no Brasil. Elas viajaram juntas com 21 anos de idade, no início dos anos 70.

Neide e Mirces permaneceram nos EUA até o final do ano de 1982, quando retornaram ao Brasil com seus maridos e filhos. Segundo relato de Dino Carminati, a esposa Mirce trabalhava numa fábrica e eles tiveram dois filhos, mas ela não conseguiu ficar nos EUA mais tempo porque sentia saudades da família no Brasil. Mirces se naturalizou para trazer quem quisesse da família, mas trouxe apenas o irmão. Dino afirma que naquela época não havia muito gente com interesse de ir para os EUA. Segundo Dino, o retorno para o Brasil ocorreu porque a mulher queria vir embora, não queria ficar mais nos EUA. No retorno, os irmãos montaram três boates na cidade de Criciúma e na praia do Rincão. Enquanto os irmãos montaram casas noturnas a sua esposa Mirce montou uma escola de Inglês e não retornou mais para os EUA. A esposa de Jaci Carminati, Neide, montou uma loja de venda de roupas trazidas dos EUA, em Criciúma.²⁹ Assim, diferentemente das mulheres valadarenses que em alguns casos migraram solteiras para procurar a autonomia financeira nos EUA, as primeiras migrantes que encontramos em Criciúma partiram para se unirem aos seus maridos e lá trabalharam e constituíram suas famílias.

Nesse sentido, o movimento de emigrantes de Criciúma mantém um padrão semelhante a outros movimentos migratórios internacionais, nos quais há predomínio dos homens no início do movimento. Foi na virada dos anos 1990 que o movimento esporádico de cricumenses passou a apresentar um fluxo mais contínuo.

²⁹ A entrevista foi realizada com Dino Carminati em junho de 2008, a entrevista com as esposas será realizada em Criciúma. Mirce, encontra-se em Criciúma e Neide nos EUA, mas na época da realização da pesquisa estava em Criciúma, suas trajetórias serão completadas quando da realização do trabalho de campo em Criciúma.

A partir dos anos 1990, o fluxo diversifica-se e os criciumenses passaram a utilizar do acesso à cidadania italiana para emigrar para os EUA, como relata Anita Baily:³⁰

A maioria dos imigrantes que estão aqui tem alguma coisa disso com eles [nonos] [...] Hoje nós estamos aqui [EUA] como imigrantes da mesma forma quando eles estavam lá [Brasil]. É diferente, porque aqui é um país de primeiro mundo, nós viemos para a cidade, eles foram para o mato, para a colônia. Nós deixamos o terceiro mundo para vir para o primeiro. Mas isso não muda o fato de sermos imigrantes.

Anita decidiu emigrar no final da década de 90, depois da separação de um casamento de mais de 20 anos, momento em que há um crescimento significativo da migração de criciumenses para a região de Boston. Antes dela, porém, outros homens e mulheres começaram a trilhar o caminho rumo aos EUA ou à Europa, construindo em Criciúma, assim como em Governador Valadares na década de 1980, uma nova “conexão USA.”

As mulheres criciumenses, como observado no *survey* realizado em Criciúma,³¹ migraram, em sua maioria, acompanhadas de cônjuges ou parentes. Mesmo aquelas que migram sozinhas, contam com os parentes ou amigos/as para recebê-las. Essa característica da inserção das mulheres criciumenses, quando observada nas histórias que serão relatadas a seguir, demonstra uma vivência e uma inserção diferenciada em relação a outras imigrantes latinas e asiáticas, pois o fato de já encontrarem alguém esperando-as e conseguir um *help* para morar e arrumar o primeiro trabalho faz com que não recorram ao sistema que é comum entre outras mulheres de grupos imigrantes e que consiste em morar no trabalho e as distingue da trajetória das primeiras migrantes valadarenses.

Conforme observaram Hagan,³² Hondagneu-Sotelo³³ e Glenn,³⁴ muitas imigrantes solteiras quando chegam à sociedade de imigração, conseguem seus primeiros empregos num tipo de arranjo que é conhecido como *live-in*, ou seja, trabalhar como doméstica e residir no emprego. Esse tipo de trabalho tem sido considerado historicamente uma forma de incorporação das mulheres imigrantes na nova sociedade, pois significa para as migrantes recém-chegadas que não terão gastos com alimentação, moradia e transporte.

³⁰ 47 anos, descendente de imigrantes italianos, quatro anos nos Estados Unidos. Como se trata de uma migração indocumentada, para preservar a identidade das entrevistadas, todos os nomes que aparecem nas entrevistas são fictícios.

³¹ Cf. ASSIS, Gláucia de Oliveira. *De Criciúma para o mundo: os novos fluxos da população brasileira e os rearranjos familiares e de gênero*.

³² HAGAN, Jacqueline M., *op. cit.*

³³ HONDAGNEU-SOTELO, Pierette, *op. cit.*

³⁴ GLENN, Evelyn N. *Issei, Nisei War bride: three generations of Japanese American women in domestic service*.

Na primeira pesquisa de campo realizada em 1993, entre os imigrantes valadarenses, encontramos algumas mulheres nessa condição.³⁵ Em geral, eram mulheres de mais idade (mais de 40 anos), pouco escolarizadas e com dificuldades de conseguir outro tipo de trabalho. Esse tipo de arranjo, no entanto, não é o que predomina entre as mulheres imigrantes brasileiras do final dos anos 80 e início dos anos 90 e também não o encontramos entre as imigrantes criciumenses. Isso não quer dizer que essa prática não ocorra, mas que não é frequente, o que fará diferença na trajetória dessas mulheres.

O fato de morar no emprego tem as vantagens acima relatadas: por outro lado, as mulheres trabalham muito e a remuneração é bem menor do que aquelas que fazem faxina. Além disso, não fica muito claro o limite entre o tempo de trabalho e tempo de descanso.³⁶ O maior problema e a grande diferença em relação às imigrantes brasileiras é que, morando no emprego, as mulheres são privadas de uma vida social normal e de interações com amigos e parentes. Assim, muitas vezes, acabam assumindo uma relação de lealdade e dependência em relação aos seus empregadores.

Segundo os relatos coletados por Hondagneu-Sotelo,³⁷ para jovens mexicanas solteiras e com *status* irregular, esse tipo de trabalho oferece menos riscos de expor as mulheres como migrantes indocumentadas. Além disso, apesar das desvantagens, atuam como uma proteção para as mulheres recém-chegadas, evitando que sejam “empurradas” para trabalhar na prostituição.³⁸ Por último, a autora destaca que com o passar do tempo há uma transição para o trabalho diário, e essas mulheres retornam a participar normalmente da vida em sua comunidade migrante.

As criciumenses migram sozinhas ou acompanhadas de parentes ou amigos com quem contam inicialmente para ajudar a arrumar um local de moradia e também emprego. Embora as possibilidades de trabalho disponíveis sejam basicamente o serviço doméstico, ou outros serviços de limpeza, as mulheres conseguiram entrar nesse mercado e criar um nicho étnico e de gênero, que transformou a faxina num negócio de mulheres brasileiras na área de Boston. As histórias a seguir demonstram como mulheres e homens solteiros construíram suas trajetórias de imigração, quais redes teceram e como essas mudaram ao longo do tempo.

³⁵ ASSIS, Gláucia de Oliveira. “Estar aqui...”, *op. cit.*

³⁶ GLENN, Evelyn N., *op. cit.*

³⁷ HONDAGNEU-SOTELO, Pierette, *op. cit.*

³⁸ Um trabalho que é muito estigmatizado no grupo migrante. O mesmo tipo de estigma é observado entre os imigrantes brasileiros em relação às mulheres que trabalham como *go go girls* (MARGOLIS, Maxime L., *op. cit.*; ASSIS, Gláucia de Oliveira. “De Criciúma para...”, *op. cit.*).

As mulheres criciumenses, assim como outras brasileiras, parecem migrar com um pouco mais de autonomia e independência do que as migrantes mencionadas. Isso acontece porque poucas recorrem ao procedimento de trabalhar *live-in* (morando no trabalho), como modo moradia e trabalho inicial na região de Boston.

É o caso de Marcela, que migrou em 1988, deixando um curso de Pedagogia que havia iniciado e um noivo no Brasil. O projeto inicial era juntar um dinheiro para comprar o imóvel e iniciar a vida de casada. Veio para a região de Boston, onde o tio, irmão de seu pai, já se encontrava. Naquela época, assim descreveu sua chegada e a sensação de conquista:

Eu acho que ele sofreu mais do que eu, pois para mim era um desafio. Para mim tudo era novidade. Eu saí e vim para um mundo diferente. Para mim foi uma conquista. Na época que vim para cá eu não conhecia ninguém e não tinha mulher aqui. Na época tinha pessoa de mais idade (era a maioria casado).³⁹

Marcela acompanhou o crescimento do fluxo de brasileiros e as mudanças na comunidade brasileira ao longo da década de 1990. No entanto, não se preocupava muito com a regularização e viveu indocumentada trabalhando com faxina, serviço que realiza desde que chegou. Marcela retornou a primeira vez para o Brasil um ano e meio após a sua primeira viagem, ficou 10 meses entre Içara e Florianópolis e retornou para os EUA. O namorado não queria ir porque tinha emprego num banco estatal e ela voltou para o Brasil depois de 07 meses, só que aí já não tinha mais expectativas de se casar. Quando retornou para os EUA, levou a irmã, o cunhado e uma amiga grávida de 06 meses.

A partir das várias idas e vindas de Marcela, o restante da família decidiu migrar. Apenas um irmão, que tem problemas de saúde, não passou por essa experiência. Os pais passaram um tempo também nos EUA, o pai trabalhando com o cunhado e a mãe ajudando a sua irmã tomando conta da sua neta. O relato de Marcela demonstra como foram construídas várias redes ao longo de sua permanência nos EUA e como o projeto de migração temporário modificou-se, ampliando o tempo de permanência e conferindo um caráter transnacional a essa experiência, pois Marcela sempre manteve relações econômicas, familiares e afetivas entre os dois lugares.

Marcela, como outras mulheres migrantes, se inseriu no “negócio da faxina”⁴⁰ e conquistou uma autonomia que inclui o carro e a escolha de com

³⁹ Marcela, migrante há 20 anos nos EUA. Entrevista realizada em 05/01/2002.

⁴⁰ Os trabalhos de Martes (MARTES, Ana Cristina B., *op. cit.*), Fleisher (FLEISCHER, Soraya R. *Passando a América a limpo: o trabalho de housecleaners brasileiras em Boston, Massachussets*), Assis (ASSIS, Gláucia de Oliveira, *De Criciúma para..., op. cit.*) trazem uma análise da constituição desse nicho no

quem quer morar:

Eu acho que as mulheres aqui se sentem mais seguras, independentes, aqui tem trabalho, você tem oportunidade. Você pode ir a qualquer lugar, qualquer *shopping* que eles não querem saber se você é *house cleaner* ou o quê. Por esse motivo, a gente tem mais liberdade que no Brasil. No Brasil, mulher de 40 anos tem que ser amante, aqui a gente namora cara de 20 ou 30 anos, mesmo tendo 40 anos. A gente se sente livre para ir a qualquer lugar sem preconceito. As mulheres brasileiras aqui fazem sucesso. Como a gente está com a bola toda, algumas extrapolam, a gente vai para o clube dançar e solta a franga.⁴¹

O relato de Marcela é muito interessante, pois revela uma representação das feminilidades brasileiras aferidas outras vezes de mulheres imigrantes. Ao dizer que as mulheres brasileiras fazem sucesso, referia-se ao fato de serem consideradas mais femininas e carinhosas em comparação às mulheres americanas.

Em seu relato não apareceu preocupação com a regularização, pelo menos até o final dos anos 1990 e, principalmente, até os atentados de 11 de setembro de 2001, em *New York*. Marcela contou inclusive que, durante o período em que morou com o tio, foi na época da “legalização da fazenda”: uma lei de imigração que surgiu para anistiar os milhares de imigrantes indocumentados, sobretudo os mexicanos que trabalhavam nas colheitas de laranja da Flórida. O tio de Marcela, assim como outros brasileiros, arrumou um “jeitinho” de legalizar-se através desse artifício. Marcela informou aos amigos e ajudou várias pessoas a arrumarem os papéis para provarem que haviam trabalhado na agricultura no período estabelecido, mas não se preocupou com sua legalização. Em parte porque achava que iria retornar⁴² em algum momento para o Brasil e também porque não sentia nenhum impedimento pelo fato de ser indocumentada. O fato de ter um *social security* verdadeiro (pouco comum entre os imigrantes)

mercado de trabalho entra as brasileiras imigrantes e analisam como se configura o “negócio da faxina e as ambiguidades e conflitos que envolvem.

⁴¹ Marcela Entrevista realizada em 05/01/2002.

⁴² Margolis (MARGOLIS, Maxime L, *op. cit; idem*, “Na virada do milênio: a emigração para os Estados Unidos”) explica esse aspecto, a falta de preocupação com a legalização nos imigrantes brasileiros, pelo fato dos mesmos não se admitirem como imigrantes. No entanto, pensamos que mais do que não se admitirem como imigrantes, os imigrantes desfrutavam sem medo do que Sales (SALES, Teresa. *Brasileiros longe de casa*) denominou a legitimidade da condição clandestina. Os problemas começam a aparecer mais especificamente para as mulheres, um grupo que cresce ao longo dos anos 90, e com a migração e o estabelecimento de famílias, que expressam a consolidação do fluxo e a ampliação da expectativa temporal. Por alguns anos ou provisoriamente era possível viver indocumentado, mas principalmente com o maior rigor da Imigração após o atentado de 11 de setembro e as dificuldades decorrentes desses, inclusive de matricular os filhos na escola, os imigrantes passam a ver os limites da condição de indocumentado e procurar os caminhos para a legalização.

possibilitou-lhe obter a carteira de motorista sem problemas, ter conta em banco e cartão de crédito sem recorrer a números falsos. Além disso, tinha uma vantagem étnica, possuía o passaporte italiano, que conseguiu na época em que foi à festa de centenário da família, o qual facilitava a sua entrada em solo americano. Marcela só iria se regularizar em 2004, quando arrumou um namorado americano, com o qual se casou e tem um filho, atualmente com 4 anos de idade. Dessa forma, assim como as valadarenses que migraram na década de 1960 e quase 40 anos depois, a estratégia mais comum de legalização de mulheres imigrantes permanece sendo o casamento, pois o trabalho com a faxina, serviço no qual as brasileiras permanecem, nesse início de século XXI é de difícil legalização.

Segundo Marcela, quando encontrou James, descobriu o homem certo, pois estava cansada de namorar homens brasileiros porque não davam segurança. Assim, o envolvimento com um namorado americano marcou sua decisão de permanecer nos EUA e tentar se regularizar. É interessante destacar que é a partir do casamento com o norte-americano e do nascimento do filho que Marcela deixa de pensar em retornar para o Brasil.

Eliane Lorentz revela, através de sua trajetória, como as mulheres brasileiras começaram a integrar-se mais efetivamente em atividades voltadas para a comunidade. Quando migrou para os EUA, Eliane tinha 29 anos, era solteira, trabalhava como professora e havia concluído o curso superior. Partiu de uma pequena cidade próxima a Criciúma e chegou à região de Boston em 1989. Assim como outras mulheres, afirma que buscava uma vida melhor e de maior autonomia.

Logo que chegou, começou a trabalhar e percorreu o caminho semelhante ao de outras imigrantes: trabalhou inicialmente com faxina e depois numa firma de festas, emprego no qual permaneceu por alguns anos. Naquela época, segundo seu relato, a comunidade brasileira era bem menor e pouco organizada e destacou as Igrejas como o grande ponto de referência.

O depoimento de Eliane diferencia-se das demais mulheres entrevistadas, pois ela conseguiu sair do nicho de mercado restrito às brasileiras – a faxina – e inseriu-se em uma atividade profissional de acordo com a sua qualificação profissional. Para sair desse nicho, necessitou investir no aprendizado do inglês e chegou a morar no emprego por um tempo, como *baby-sitter* o que, segundo ela, ajudou-a no inglês. Essa trajetória foi percorrida por outras mulheres imigrantes que procuram integrar suas experiências e habilidades trazidas do Brasil com os serviços que uma crescente comunidade brasileira passou a demandar. Conforme observou Feldman-Bianco,⁴³ com relação às trajetórias das filhas de imigrantes

⁴³ FELDMAN-BIANCO, Bela. Saudade, imigração e a construção de uma nação (portuguesa) desterr-

portugueses, elas tornam-se as intermediárias culturais e fazem a conexão entre as duas sociedades. De fato, um rápido olhar para as associações de imigrantes brasileiros evidencia que há uma expressiva participação das mulheres.

Eliane, assim como Marcela, regularizou seu *status* através do casamento. No entanto, não se casou com um americano, mas com um estrangeiro que era exilado político do leste europeu.

Esses relatos não resumem a diversidade das experiências das imigrantes criciumenses, mas demonstram como essas mulheres foram construindo outros espaços de atuação, como é o caso de Eliane. Revelam também as dificuldades enfrentadas ao longo do processo migratório, demonstrando quais as redes que foram tecidas inicialmente e como se modificaram ao longo do tempo. Evidenciam ainda a importância das redes de amizade e parentesco no momento da migração e, no caso das mulheres com filhos, a importância da ajuda das mães e irmãs, advindas do Brasil, para auxiliar no cuidado dos mesmos. Nesse caso, diferentemente das mulheres analisadas por Hodangneu-Sotelo,⁴⁴ as mulheres solteiras contam com redes sociais no destino para iniciar o projeto migratório e estabelecer-se no destino. Isso não quer dizer que possam contar sempre com essas redes, nem que estas sejam monolíticas, mas que existe alguém para dar um *help* quando chegam, para arranjar emprego e para outros momentos do processo migratório.

No caso das imigrantes brasileiras entrevistadas, todas enfatizaram a sensação de maior autonomia, “as mulheres aqui estão com tudo e são mais respeitadas”, diziam algumas. Entretanto, há situações como as violências (física, sexual e simbólica) enfrentadas por algumas, as dificuldades de regularização vivenciadas pela grande maioria, que demonstram que esse processo de empoderamento não ocorre da mesma maneira para todas e nem na mesma intensidade. No entanto, diferentemente do que foi observado nos enclaves chineses por Zhou,⁴⁵ segundo os quais as mulheres teriam poucas vantagens econômicas a partir das redes estabelecidas com seus conterrâneos, quando comparados com os homens, as mulheres criciumenses entrevistadas parecem conseguir estabelecer redes de ajuda mútua e de inserção no mercado de trabalho, em especial no negócio informal da faxina, através do qual conseguem oportunidades de trabalho e vantagens econômicas, em alguns casos melhores do que alguns empregos oferecidos aos homens.

torialisada. *Revista brasileira de estudo de população*, 8(1/2), 1992, p. 35-49.

⁴⁴ HONDAGNEU-SOTELO, Pierette, *op. cit.*

⁴⁵ ZHOU, Min; LOGAN, John, *op. cit.*

Considerações finais

No passado e no presente, embora as mulheres, em sua maioria, migrem em grupos familiares, elas também migram sozinhas, em busca de autonomia, para fugir de poucas oportunidades ou de discriminações nos locais de origem. Este trabalho demonstrou que os estudos de gênero podem trazer contribuições importantes para compreender os movimentos migratórios contemporâneos.

Os relatos apresentados de natureza qualitativa apresentam as trajetórias de mulheres emigrantes, esses dados não pretendem fazer uma cumulação entre as categorias sexo e gênero, mas demonstrar a importância da inserção das mulheres nos fluxos migratórios contemporâneos e a necessidade de se lançar um olhar para as migrações que não apenas ressalte a sua participação, mas que contemple a perspectiva de gênero. Uma vez que, quando analisadas as trajetórias dos imigrantes, poderemos perceber como gênero, classe e etnia atravessam o processo migratório. Desde o momento da partida, a escolha de quem vai migrar, os motivos da migração, a permanência ou o retorno ocorre articulado numa rede de relações que envolvem gênero, parentesco e geração.

Além disso, ao se incorporar a categoria “gênero” na análise dos fluxos migratórios, a migração deixou de ser vista apenas como uma escolha racional de indivíduos sozinhos e emerge envolvida em redes de relações sociais, como uma estratégia de grupos familiares, de amigos ou pessoas da mesma comunidade. Nesse contexto, as mulheres e os homens, em diferentes momentos, aparecem como os elos que ligam – aqui e lá – redes sociais que ajudam nos primeiros momentos na sociedade de emigração e na manutenção dos laços com o lugar de origem.

Com relação às motivações para a migração, outro conjunto de fatores de ordem não econômica parece ter impacto na seletividade da migração e é mencionado mais por mulheres do que por homens. Podem ser citados como fatores não econômicos: a transgressão dos limites sexuais impostos pela sociedade, os problemas conjugais e a violência física, a impossibilidade de divórcio, os casamentos infelizes e desfeitos, a discriminação contra grupos femininos específicos e a ausência de oportunidades para as mulheres. Conforme Morokvasic,⁴⁶ esses estudos apontaram para o fato de que as mulheres migram não apenas por razões econômicas, mas também por rompimento com sociedades discriminatórias, nas quais estariam em posição subordinada.

⁴⁶ MOROKVASIC, Mirjana. “Birds of Passage are also Women”.

Portanto, nos fluxos contemporâneos, as mulheres tendem a migrar sozinhas ou como primeiras em suas famílias, sendo pioneiras em encontrar trabalho nos EUA, quebrando a imagem daquelas que esperam, ou que seguiriam os passos dos homens, e por fim, integrando redes de migração, tornando-se importantes articuladoras das conexões entre “aqui” e “lá”. As mulheres brasileiras que migraram na década de 1960 partindo de Governador Valadares e, mais tarde de Criciúma, nos revelam as estratégias de migração feminina e as redes que teceram para realizar o projeto de migrar.

Bibliografia

- ASSIS, Gláucia de Oliveira. *Estar aqui... estar lá... uma cartografia da vida entre dois lugares*. 1995. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, UFSC/Florianópolis.
- _____. “Estar aqui... estar lá... uma cartografia da emigração valadarense para os EUA”, in REIS, Rossana R.; SALES, Teresa. *Cenas do Brasil migrante*. São Paulo: Boitempo, 1999, p. 125-167.
- _____. *De Criciúma para o mundo: os novos fluxos da população brasileira e os rearranjos familiares e de gênero*. 2004. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Programa de Pós – Graduação em Ciências Sociais, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp/Campinas, SP.
- BOYD, Monica. “Family and Personal Networks in international migration: recent developments and new agendas”, in *International Migration Review*, 23, 3, 1989, p. 639- 669.
- BRETTELL, Caroline; DeBERJEOIS, Patricia. “Anthropology and the study of immigrant women”, in GABACCIA, Donna (ed.). *Seeking common ground: multidisciplinary studies of immigrant women in the United States*. Westport, Connecticut/London: Ed. Praeger, 1992, p. 41-65.
- CASTRO, Mary Garcia et al. *Mulheres latino americanas e caribenhas na migração: bibliografia comentada*. Salvador: Centro de Recursos Humanos/UFBa, 1989, Mimeo.
- DURHAM, Eunice. *A caminho da cidade: a vida rural e a migração para São Paulo*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1984.
- FLEISCHER, Soraya R. *Passando a América a limpo: o trabalho de housecleaners brasileiras em Boston, Massachussets*. São Paulo: Annablume, 2002.
- FONER, Nancy. *From Ellis Island to JFK New York’s two waves of immigration*. New York: Russell Sage Foundation, 2000.
- GLENN, Evelyn N. *Issei, Nisei War bride: three generations of Japanese American women in domestic service*. Philadelphia: Temple University Press, 1986.
- GRAMUSCK, Sherri; PESSAR, Patrícia. *Between two islands: Dominican international migration*. Berkeley, Los Angeles and London: California University Press, 1991.
- HAGAN, Jacqueline M. “Social Networks, Gender and Immigrant Incorporation:

- Resources and Constraints”, in *American Sociological Review*, v. 63, n. 1, 1998, p. 55-68.
- HARVEY, David. *Condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola, 1993.
- HASSOUN, Jean-Pierre. “La migracion ds Hmong. Rituels Funéraires, ‘Prix de la Fiancée’ et Stratégies d’adptation dès premières Années”, in *Ethnologie Française*, 2, abr-jun de 1993, p. 192-206
- HONDAGNEU-SOTELO, Pierette. *Gendered Transitions: Mexican Experiences of Immigration*. Berkley: University of California Press, 1994.
- MARGOLIS, Maxime L. *Little Brazil: An Ethnography of Brazilian Immigrants in New York City*. New Jersey: Princeton University Press, 1994.
- _____. “Na virada do milênio: a emigração para os EUA”, in MARTES, Ana Cristina B.; FLEISCHER, Soraya (Orgs.). *Fronteiras Cruzadas: etnicidade, gênero e redes sociais*. São Paulo: Paz e Terra, 2003, p. 51-73.
- MARTES, Ana Cristina B. *Brasileiros nos EUA: um estudo sobre imigrantes em Massachusetts*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- MASSEY, Douglas; ALCARON, Rafael; DURAND, Jorge; GONZALEZ, Humberto. “The social organization of migration”, in *Return to Aztlan: the social process of international migration from Western Mexico*. Berkeley: University of California Press, 1987, p. 139-171.
- MOROKVASIC, Mirjana. “Birds of Passage are also Women”, in *International Migration Review*, v. 18, n. 4, 1984, p. 886-907.
- PESSAR, Patricia R. “The Role of Gender, households, and social networks in the migration process: a review and appraisal”, in HIRSCHMAN, Charles; KASINITZ, Philip; DEWIND, Josh (eds.). *The Handbook of international migration: the American experience*. New York: Russell Sage Foundation, 1999, p. 51-70.
- PORTES, Alejandro. “Economic Sociology and the Sociology of Immigration: A Conceptual Overview”, in PORTES, Alejandro (ed.). *The Economic Sociology of Immigration – Essays on Networks, Ethnicity and Entrepreneurship*. New York: Russell Sage Foundation, 1995, p. 1-41.
- PORTES, Alejandro; RUMBAUT, Rubén G. *Immigrant America: a portrait*. Berkeley: University of California Press, 1990.
- SALES, Teresa. *Brasileiros longe de casa*. São Paulo: Cortez, 1999.
- SIQUEIRA, Sueli. *Migrantes e empreendedorismo na Microrregião de Governador Valadares – Sonhos e frustrações no retorno*. 2006. 200f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas – Sociologia e Política), Faculdade de filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais/Belo Horizonte, 2006b.
- _____. “Fulfillments and frustrations in the return to homeland”, in *LASA 2007, XXVII International Congress of the Latin American Studies Association*, 2007, Montréal.
- TILLY, Charles. “Transplanted Networks”, in YANS-Mc LAUGHLIN, Virginia (ed.). *Immigration Reconsidered*. New York: Oxford University Press, 1990, p. 79-95.
- YANAGIZAKO, Sylvia Junko. “Women Centered Kin Networks in Urban Bilateral Kinship”, in *American Ethnologist*, v. 4, n. 2, 1977, p. 207-226.
- ZHOU, Min; LOGAN, John. “Returns on Human Capital in Ethnic Enclaves: New York City’s Chinatown” in *American Sociological Review*, v. 54, 1989, p. 809-820.